Pacotão

Sete Anos de Carnaval

PRODUÇÕES

Clube da Imprensa

7 ANOS DE PACOTÃO **Brasília**

527.404.145 - A

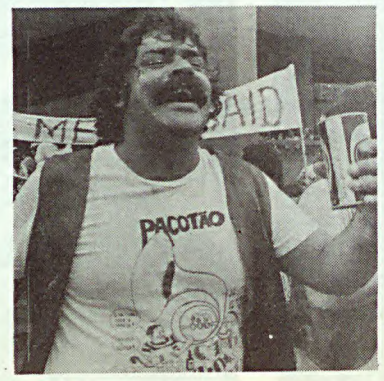
LP CIB - 001

1- SAUDADE DA BELEZA
(De: Claudio Lysias, Carlão e Guarabira)

2- AIATOLÁ
(De: Moa e Samuca) SANTA CATARINA
(Carlão, Cristiano e Artigas)
JOÃO, O QUE É QUE HÁ

Todos os Direitos do Produtor Fonográfico Reservados. Fabricado por: Gravações Elétricas S/A. Rua Aguiar Moreira, 639 - Rio de Janeiro - CGC. 61.186.300/003-63 - • Gravações Elétricas S/A. Avenida do Estado, 4.667/4.755 - São Paulo. C.G.C. 61.186.300/001-00

PAÇOTÃO



País ainda vivia assustado com a violência da repressão política. Na memória de cada um, as cenas de violência eram bem nítidas. Na opinião geral, abertura — a palavra em moda na época — não passava de uma tênue esperança. Isso, só porque era preciso respirar. Em verdade, todos sabíamos que esse novo vocábulo não passava de um artifício para colorir a máscara negra das masmorras da ditadura. No alvorecer de 1978, Brasília esboçava seus primeiros sorrisos, depois de muito tempo, desde que o policialesco regime imposto à Capital do país pelo então Ministro do Exército, general Silvio Frota, mostrou suas primeiras debilidades, exatamente a partir da demissão de seu mentor, em novembro de 1977.
Como reforço para os que aqui vinham resistindo a todo tipo de pressão, a grave crise de desemprego que começava a se esboçar no mercado dos jornalistas brasileiros, remeteu para cá mais de uma centena de profissionais, atraídos por um dos poucos segmentos deste mercado que ainda se permitia absorver novos profissionais. Na esteira de toda essa movimentação, houve a coroação de trabalho dos que aqui estavam. Depois de anos e anos de batalha, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal era retomado pela categoria. Foi a festejada gestão de Carlos Castello Branco, o "Castelinho", que, em boa hora, coordenou a Assembléia Geral do Clube da Imprensa de Brasília, restituindo a quem de direito o uso e posse de um espaço que viria rapidamente provar a sua importância para a comunidade brasiliense.
Atuação política, integração nos movimentos da coletividade, marcante presença nos eventos culturais e, sobretudo, novos amigos, uma vida intensa, festas e, para os rec.em-chegados, a possibilidade de viver em uma cidade moderna, ampla de espaços, receptiva ao novo.
E o Carnaval estava chegando... No meio de todo esse burburinho, faltava apenas um bom motivo para que toda a rapaziada aderrise de vez à folia. Foi aí que, numa tarde de sábado, depois de muita birita, numa mesa do Clube da Imprensa,continuando uma conversa iniciada dias antes no Bar do Gurgel, surgiu a idéia: vamos fundar um bloco de Carnaval. Depois de garrafas e garrafas de cerveja, Cláudio Lysias, Carlão, Moa, Márcio Varella, Fernando Lemos, David Renault, Guarabira e Racsow chegaram, enfim,aum consenso: o bloco iria se chamar Sociedade Armorial Patafísica Rusticana,
O Pacotão. Uma homenagem ao Pacote de Abril, jogado, em 1977, pelo então presidente Geisel sobre as costas de todos os brasileiros, fechando o Congresso Nacional para impor modificações constitucionais capazes de garantir por mais algum tempo o arbítrio.
Além de homenagear com irreverência o Pacote de Abril — e inaugurar a sua marca registrada, a sátira política — O Pacotão nascia para resgatar uma tradição da cultura popular brasileira: os blocos de sujo. A alegria, a descontração, a irreverência, a desorganização e a simplicidade.
Como devem ser as coisas feitas livremente pelas mãos do povo. Enfim, uma brincadeira gostosa.
Foi um bloco tímido em 1978. Pouco mais de cem pessoas carregando pela contramão da W-3 estandartes e faixas que mostravam ironicamente o que achávamos da vida que éramos obrigados a suportar.
O Pacotão tinha saudade da beleza, como proclamava a sua primeira música. E do verdadeiro carnaval.
Mas a brincadeira cresceu, a beleza chegou mais rápido do que se esperava e o Pacotão conquistou definitivamente a cidade.
Já em 1979, introduzindo os metais do maestro Celso em seu acompanhamento, o bloco clamava por salvação ao Aiatolá Khomeyni, porque, senão, o País atolaria. Já não eram tão poucos. A cidade respondia. A festa começava a deixar de ser exclusiva de jornalistas. As faixas explicitavam melhor a opinião geral e os estandartes concentravam cores esgrimindo o protesto de há muito preso em todas as gargantas. Os anos se passaram. 1981 admirou a coragem dos catarinenses que espantaram o presidente Figueiredo e seu séquito em Florianópolis e lançava o topless no programa do PDS. 1982: Figueiredo teve que ouvir o Pacotão reclamar de suas constantes viagens, em épocas em que a inflação explodia, além de prometer botar um ministro baixinho e gordinho na cadeia.
Já 1983 foi dedicado ao ministro Leitão de Abreu, colocando na condição de tripulante de um disco voador descendo no Palácio do Planalto. Mas o João não foi esquecido e seu enfarte foi atribuído ao excesso de pacotes políticos. 1983 foi o ano em que o bloco exorcizou Delfim Netto com a vitória de Leonel Brizola para o Governo do Rio de Janeiro, nas eleições do ano anterior. Finalmente 1984, o ano de ouro do Pacotão, arrastando pelo seu itinerário da Asa Norte a Asa Sul com mais de sete mil pessoas, cantando Cai na Real General e, em coro com todo o Brasil exigindo eleições diretas.
Uma festa inesquecível, de cores, muita emoção e animação, contagiando toda a cidade.
De um grupo de ressentidos jornalistas até assumir orgulhosamente a condição de uma instituição brasiliense, muita história pra contar.
Infindáveis discussões a respeito das coisas mais simples. Incontáveis horas curtidíssimas na criação de faixas e estandartes. Presença obrigatória no noticiário dos jornais, revistas, rádios e televisões de Brasília e todo o País. Um bloco famoso, definido, com todos os adjetivos imagináveis, do anárquico ao engajado. Um acontecimento que, de ano para ano, contribui para romper mais ainda o oficialismo do Carnaval de uma cidade que nasce, e com isso torna-se elemento vital da sua história. Um bloco que é irreverência, que é amor, que é prazer, mas que antes de tudo é do povo de Brasília.

"O Pacotão previu: aiatolamos" (1984)

A pintura das faixas e dos estandartes do Pacotão sempre foi feita no sábado de carnaval. Nos três primeiros anos, foi na casa do Carlão, em Sobradinho. Depois, a farra mudou-se para o Clube da Imprensa. Livre criação. Valia o melhor palpite. A idéia que conquistasse maior torcida, acabava prevalecendo. Nossos artistas, é claro, sempre deram a maior força. Lobão, Samuca, Lopes, Paulo Andrade, Racson e Siroba executavam as idéias do coletivo. No final do dia, estávamos todos bêbados, cansados e eufóricos''

"Purumbumbum" (1979)

Uma homenagem ao consenso nacional: a bunda

"O Pacotão garante: a culpa é da traineira" (1983)

O pacotão desvendava a morte do jornalista Alexandre Von Baunmgarten

"Abaixo o MEC-USAID" (1980)

Só para confundir...

"Juros que não fui eu" (1983)

O pacotão pregava a moratória

"A Petrobrás é fogo" (1984)

Humor negro, em homenagem as vítimas da Vila Socó

"Nini para o SLU" (1983)

O general Newton Cruz, nosso candidato para o Serviço de Limpeza Urbana''

"I love Bolivia í" (1983)

Uma declaração de amor do presidente Reagan ao Brasil''

"Der Pacoton Lieben und khu shey la" (1978)

O SNI não conseguiu decifrar. Não queria dizer nada''

"Aceita um xazim"?" (1979)

Oferta que deu dor de cabeça em muitos militares

"Frank Sinatra está gago" (1980)

Notícia de primeira mão...

"VONMIRIMININI" (1983)

Uma mistura de Baunmgarten, da traineira Mirimi e, obviamente, do general Nini

"Lugar de Curió é na gaiola" (1984)

É que o deputado estava batendo as asinhas...

"Anestesia Ampla e Irrestrita" (1979)

O clima transbordante da anistia

"Serviço Nacional da Injeção" (1984)

Lembram-se? Um método novo para queimar arquivo...

"Você sabe com quem está falindo?" (1984)

O pacotão brincava com a bancarrota nacional.

"Necrolégio Eleitoral" (1984)

Sentença candenatória.

"Leitão ao molho Alemão" (1982)

A figura do ministro Leitão de Abreu era irresistível''

"Estamos com o Pires na mão" (1981)

Não só com o pires, propriamente. Mas também com o general Pires, o ministro.

"Abre e arrebenta" (1979)

Cobrando a promessa feita pelo presidente.

"O Cr$ nunca deu certo " (1983)

Ficou a dúvida: a revista ou a moeda?

"A Organização é a Desorganização" (1979) "

A nossa marca registrada.

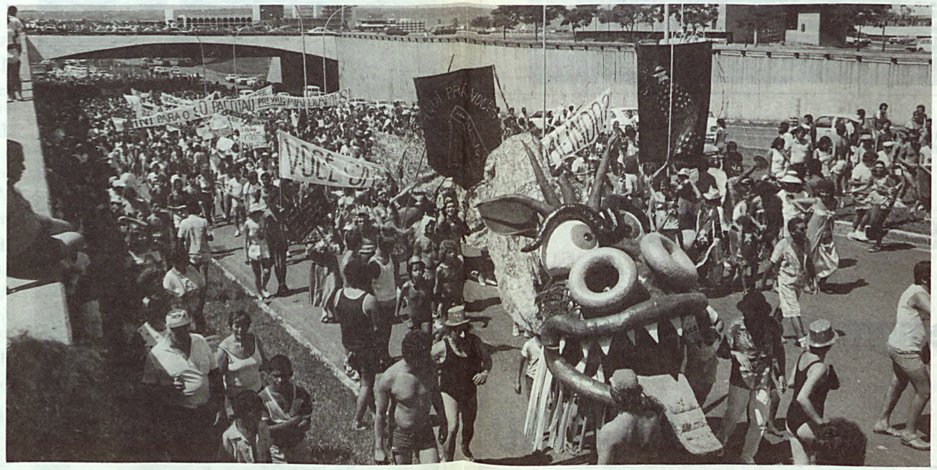
ESSE MOLEQUE BANDALHO

O Carnaval sempre foi nossa desilusão. Hoje, como ilusão, sempre nos transforma em arlequins, palhaços e colombinas desamparadas. Desamparadas mesmo. Pois o Carnaval é uma mulher, um travesti, um ser que nos trai na quarta-feira. E algo assim como o amor, a paixão. O Brasil sempre se mostrou através do carnaval. O seu lado negro, branco, bonito. O seu lado de grande país. O Brasil, por enquanto, é um grande travesti. Gosta de se esconder de si mesmo ou gosta de mostrar seu lado bandalho de moleque, o melhor lado que ele tem.

O Pacotão nasceu disso. Da necessidade de mostrar que nosso lado bandalho e moleque é o que nos resgata do nosso dia-a-dia absurdo. O Pacotão é apenas uma arma doce, anárquica e patafísica. E contra os que acreditam estar no poder.

O Pacotão nasceu de um papo de bar. A idéia era derreter os icebergs de Brasília e criar muita diversão. Recriar o velho e gostoso carnaval. Aquele curioso, antigo, em que o marido dizia para a mulher que ia comprar cigarros na esquina e só voltava na quarta-feira de cinzas. Aquele Carnaval do Lamartine, do Ary Barroso, do Jamelão, do Paulo da Portela, do Paulinho da Viola, do Candeias, do Blackout e de todos esses que sonham com um Brasil alegre, solidário, justo e irreverente.

O Pacotão nasceu de um gesto de amizade dividido entre várias pessoas. A nossa idéia é nos divertir e divertir a cidade. O Carnaval não leva a nada de concreto. Mas esses músicos, esses foliões, esses loucos de quatro dias conhecem o atalho de um caminho que o homem está perdendo: o da felicidade.



OS NOSSOS AMIGOS

BAR E
RESTAURANTE
MOINHO
114 SUL

GRUPO OK
Valorizando o que há de melhor na cultura brasiliense.

CHORÃO
BAR E RESTAURANTE
302 NORTE
A saída do
PACOTÃO

Associação Recreativa
Unidos do Cruzeiro ARUC
Sempre na avenida com o
PACOTÃO

RESTAURANTE PANORAMA
TORRE DE TELEVISÃO
Carnaval com os músicos da Banda do Pacotão 6ª-, Sábado, Domingo, Segunda e Terça-feira das 11 horas até o amanhecer

Clube da Imprensa de Brasília
Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais

Ficha Técnica

Produção Geral — Armando S. Rollemberg e Fernando Lemos;
Produtores Executivos — Carlos Augusto Gouveia e Moacyr de Oliveira Filho;
Administração de Produção — Jorge Luiz de Souza;
Gravação ao vivo, estúdio e mixagem — Jimi;
Músicos:

BANDA DO PACOTÃO

Regência — Celso Martins;
Arranjos — Carlos Roberto Alvarenga;
Trombones — Campelo, Dionisio e Getúlio;
Trompetes — Gerino, Campos, Ebes, Nascimento e Brandão;
Saxofones — J. Candido, Tanga, Carlos, Brito e Gildásio;
Tubas — Zé Maria e Josué;
Ritmo — Meldes;

CORO:

Radovir Antonio Santos Filho, Izaltina dos Santos, Marília Cardoso de Oliveira, Marco Aurelio Brito Coutinho, Ione de Freitas, José Estevão Gonçalves, Josiane, e Sergio;
Voz: Carlão e Josiane (1 A) e Carlinhos Caetano (4 (4 B);

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL (1 A e 4 B):

Evandro — violão de 7 cordas e cavaquinho;
Márcio — tamborim;
Marcelo — ganzá;
Carlinhos — surdo, tamborim;
Mauro — tumbadora e caixa de fósforos;
Apoio Técnico de Gravação: Luís Lemos e João Araújo;
Capa e contracapa: Lobão (criação e arte final);
Fotos: Agil Fotojornalismo;
Foto da capa: Duda Bentes;
Foto da contracapa: Elza Fiúza;
Encarte: textos — Carlão, Moacyr Oliveira, Armando Rollemberg e Cláudio Lysias;
Arte: Lobão;
Diagramação: Daniel;
Fotos do encarte: Agil Fotojornalismo — Milton Guran, Kim-Ir-Sen, Elza Fiúza, Júlio Bernardes, Márcio Di Pietro e André Dusek.
Produção da Festa "Baile Já": Armando Rolemberg, Fernando Lemos, José Pereira, Elaine Ruas e Lobão;
Gravado ao vivo no Minas Brasília Tênis Clube, no dia 8 de dezembro de 1984 e nos estúdios da Gravasom Brasília, em dezembro de 1984.
Uma realização do Clube da Imprensa de Brasília.

Um sonho que deu certo

A idéia de gravar um disco contando a história do Pacotão vinha sendo remoída há alguns anos. De uma brincadeira de jornalistas, o bloco transformara-se no grande sucesso do carnaval de Brasília. Era sempre um espanto, aquela gente toda descendo o viaduto para a W-3 Sul. Tres mil, cinco mil, oito mil... Já não dava mais para calcular. A cada ano o Pacotão transbordava.

Desafiador, tendo na irreverência sua marca registrada, o Pacotão sempre saiu às ruas com grande estardalhaço cutucando os donos do poder com vara curta. A mira da rapaziada, normalmente se concentrava na Esplanada dos Ministérios, fonte inesgotável de inspiração. Sendo que tivemos uma teimosa preferência pelos generais. Fosse quem fosse. Especialmente se fosse o presidente da República.

CHUMBO GROSSO

Escândalos financeiros, mutretas, conchavos, crimes políticos, foram sempre a matéria- prima ao bloco. Os temas surgiam espontaneamente, desenvolvidos a partir do contexto, da forma mais desorganizada e democrática possível. E foi assim que ano a ano, o Pacotão formou o retrato do melhor carnaval de Brasília. Um carnaval de rua escrachado, debochado, imoral, político, desalinhado e essencialmente bem humorado. Pra ninguém botar defeito.

Essa história precisava ser contada. Afinal, a criatura ganhara pernas. O bloco fazia parte da cidade. Era um atestado renovado de que também no centro do poder político, apesar de todo o autoritarismo reinante, sobrevivia a malandragem, o bom humor e a criatividade do brasileiro.

Tinhamos, portanto, motivos suficientes para termos orgulho. Nas conversas de bar, nas vésperas de cada carnaval, nos sentíamos um pouco cúmplices da história. Afinal, tudo aquilo começara de uma conversa numa mesa do Clube da Imprensa. No primeiro ano, saímos com uma marcha rancho que não falava de política. No segundo, andando na contramão, o bloco quase virou passeata, com os foliões pedindo a salvação do Ayatolah. Lembram-se. E as histórias do Pacotão, contadas e recontadas, eram ouvidas cada mês com maior interesse. Havia sempre alguém que reclamava: "mas essa música eu não conhecia."

A idéia do disco foi amadurecendo. Mas era lembrada às vésperas do carnaval, quando já não dava mais tempo para nada. Até que um dia alguém lembrou com antecedência. Foi o Armando Rollemberg, que desde julho do ano passado, começou a tocar no assunto. Carlão, que tinha voltado a morar em Brasília, topou logo. O Moacyr de Oliveira, o Claudio Lysias e o Fernando Lemos, antigos entusiastas da idéia, também. O maestro Celso, esse então virou com o projeto.

Convocação geral. Lobão, Pereira, Duque, Elaine, Ricardo Monterosa, Pedro Abelha, Malu, Jorge Luiz, Jimmy, Armandão... Na primeira reunião já sonhávamos com o disco na mão.

Fariamos uma festa para arrecadar fundos e financiar a produção do disco. Um grande baile.

A idéia calhou bem. Num lance ousado... convidamos a orquestra Tabajara, que nunca tinha vindo a Brasília. Tudo acertado, quando faltavam vinte dias, o maestro Severino Araujo nos deu um bolo. Foi um desespero geral. Mas antes que a bola baixasse combinamos a festa com o saxofonista Paulo Moura, para o dia 8/12, no Minas Brasília Tênis Clube. Uma promoção do Clube da Imprensa.

"Baile Já," foi o nome escolhido, depois de muita discussão. Ciúmes, intrigas, boicote. Dilemas que pareciam intransponíveis: um compacto com um pout pouri das músicas, um long play? Quase houve briga. Mas, enfim, decidimos fazer um LP e a festa terminou sendo um tremendo sucesso. O baile avançou noite a dentro com o salão inteiramente repleto.

Lá pelas 4 da madrugada, a Banda do Pacotão, sob o comando do Maestro Celso esquentou as turbinas até os primeiros raios do sol de um novo dia. Estava gravada a base da trilha sonora deste disco.

Depois disso, foram horas e mais horas de estúdio, necessárias para completar o trabalho, onde vivemos cenas inesquecíveis. Como, por exemplo, os cantores do Madrigal de Brasília, recém- chegados de um espetáculo natalino, de smoking e gravata borboleta, cairem dentro do estúdio para gravar o coro das marchas animadas e irreverentes do Pacotão.

Foi preciso muita paciência, muita animação e muita boa vontade para descontrair o pessoal. Depois de diversas tentativas, o competente e dedicado Luis Lemos, do Gravasom, descobriu a solução: colocar os cantores no corredor deserto do Brasília Rádio Center, infiltrar uns pacoteiros da velha guarda entre eles e imaginar que estávamos todos em plena avenida W-3. O resultado foi surpreendente. O coro parece que foi gravado ao vivo num imenso e animado salão de baile.

Pudemos assistir, também, o Carlão, trancado no estúdio de gravação, devidamente calibrado, fone de ouvido na cabeça, voz pastosa e sonolenta, desistir de colocar sua voz rouca no primeiro samba da história do bloco. Os prazos estavam se esgotando e não havia outro jeito. Carlão respirou fundo, comeu um punhado de sal e gravou pela última vez. Outra surpresa. Sua voz ficou parecendo que o Nelson Cavaquinho veio dar uma canja pra gente.

Vimos, ainda, o Brother, pacoteiro de primeira hora, chegar no estúdio dizendo que era o bamba na caixa de fósforos. Depois de várias tentativas e diversas atravessadas, o próprio Brother desistiu de ser artista. E o samba pode ser gravado sob a direção do competente Evandro das Sete Cordas.

Fitas gravadas e mixadas o sonho estava perto de se realizar. Enfrentamos, ainda, novos bate-bocas, novas discussões, ameaças de briga e até de sequestros. Tudo bem ao estilo do nosso Pacotão. Irreverente, desorganizado, anárquico. Mas, autêntico, simples, alegre e sincero.

Depois de tanta batalha, temos certeza que fizemos um bom trabalho. A cidade e seus cronistas ainda nos agradecerão e a História, não temos dúvida, nos elogiará. Sem falsa modéstia.

O PACOTÃO. Brasília, Carnaval de 1985.

Lado A

— Saudade da Beleza - 1978

(Cláudio Lysias, Guarabira e Carlão)

O Pacotão nasceu assim. Romântico e nostálgico. Com saudade dos velhos carnavais de rua. Simples, alegres, irreverentes e descontraídos. Nasceu para reviver uma tradição de cultura popular brasileira - os blocos de sujo - sufocada pelas Super-Escolas de Samba S/A. Sua primeira música é um retrato dessa nostalgia. No primeiro desfile, ele foi cantado junto com um bonito samba de João Bosco que dizia, "Não põe corda no meu bloco, nem vem com teu carro-chefe, não dá ordem ao pessoal. Não tem lema, nem divisa, que a gente não precisa, que organizem nosso carnaval". Era o espírito do Pacotão tomando alma.

O Pacotão com saudades da beleza
saúda o povo e revela com tristeza
que o seu carnaval não existe mais
O Pacotão
ô, ô, ô, ô, quem tinha razão
era o meu avô
O Pacotão

Aiatolá — 1979

(Moa e Samuca)

O ano de 1979 começou sob o impacto e a magia do Aiatolá Khomeyni e sua Revolução iraniana que derrubou o regime do Xá Rheza Parlhevi. Havia esperança no ar. No Brasil, saía o general Geisel e entrava o general Figueiredo sem grandes esperanças de mudanças para o povão. Estávamos todos atolados pelo autoritarismo reinante. Profético, o Pacotão previu: vamos atolar. E sua marcha que virou símbolo explodiu na avenida.

Geisel você nos atolou
o Figueiredo também vai atolar
Aiatolá, Aiatolá,
venha nos salvar
que esse governo já ficou
Gagá, gagagageisel...

Santa Catariana — 1980

(Carlão, Cristiano Menezes e Rubens Artigas)

O governo Figueiredo seguia os rumos previstos pelo Pacotão. Estava atolando todo mundo. Inflação disparando, o PDS posando de um partido liberal e o João botando pra quebrar. Ficou famosa sua passagem por Santa Catarina, quando, revelando seu temperamento explosivo, reagiu às vaias que o povo lhe proporcionava e quis sair no tapa com os manifestantes. O Pacotão não deixou por menos:

Subiu a carne,
subiu a gasolina,
subiu o feijão
e também a margarina
ai, ai, João
eu vou pagar
a inflação com serpentina
Enquanto isso, o PDS
coloca no programa o toplesse
ai, ai, João
vou te mandar lá pra Santa Catarina

— João, o que é que há — 1981

(Autor anônimo, contínuo do Ministério da Agricultura)

Alheio aos graves problemas econômicos e sociais que atolavam o País, o presidente Figueiredo, o João, desandava a viajar pelo mundo afora. Em Brasília, o ministro Delfim Netto ocupava temporariamente a pasta da Agricultura e prometia encher a panela do povo. A promessa não convenceu ao Pacotão:

João, o que é que há,
João, o que é que há,
em vez de salvar nosso povão
e baixar a inflação
seu negócio é viajar,
oh, João!
Cadê o nosso feijão,
tão saboroso com toucinho e com lingüiça
até o nosso tutu já estão mandando para
os bancos da Suíça
Oh, João!
Cadê aquele baixinho
que prometeu dar a nossa panela cheia
eu pego aquele gordinho
porque lugar de mentiroso é na cadeia
Oh, João!

Lado B

— Olha o Rabo - 1982

(Carlão e Fernando Barros)

O governo continuava enfrentando dificuldades. O ex-todo poderoso do Planalto, ministro Golbery do Couto e Silva abandonou o barco, descontente. Em seu lugar entrou o professor Leitão de Abreu. O presidente Figueiredo sofria o primeiro infarto do miocárdio. As coisas estavam indo definitvamente pras cucuias:

Olha o rabo, olha o rabo,
Olha o rabo que a porca torceu,
Olha o rabo, olha o rabo,
olha o rabo, que a porca torceu
Um disco voador desceu,
e um leitão apareceu,
hoje em vou pro Tejo
porque aqui a vaca foi pro brejo
Olha o rabo, Minha mãe sempre dizia
que mentira só dá bode
de tanto fazer Pacote
o tic-tac do João
quase que explode
Olha o rabo

— Brasil, Brasil, Brasil — 1983

(Nelson Pantoja, Pelágio Gondim e Josafá Dantas)

O Pacotão vivia os reflexos das eleições de 1982, quando a oposição elegeu 10 governadores. Um deles, Leonel Brizola, do Rio de Janeiro, foi polêmico desde o início. A economia brasileira estava nas mãos do FMI e os salários dos trabalhadores sofriam um brutal arrocho:

Brasil, Brasil, Brasil
Brasil, Brasil, Brasil,
Foi Pedro Álvares quem te pariu
Vai fundo
Vai fundo, Brasil, vai fundo
o FMI é o fim do mundo
Brizola,
Brizola faz cabeça,
tá pra mim,
mas quem dá dor de cabeça,
é o Delfim,
Doril, doril, doril,
nosso salário foi pra fora do Brasil,
doeu, doeu, doeu,
mas Figueiredo foi quem se perdeu

— Cai na real, general — 1984

(Ivan Sérgio e Haroldinho de Santo Amaro)

O carnaval de 1984 foi o carnaval das Diretas. De todos os cantos do País só se ouvia um grito: Diretas Já. O Pacotão não ficou de fora dessa briga. Saiu pedindo diretas para Presidente e dando um conselho para o general de plantão: Cai na real, general.

Não adianta mais enrolar,
é agora, tá na hora, vamos lá,
ninguém me segura,
sai da minha frente,
eu este ano
vou votar pra presidente
Chega de conversa mole,
ninguém engole
o tal colégio eleitoral,
cai na real, general

— O Pacotão (Homenagem)

(Carlinhos Caetano)

Com sete anos de vida, o Pacotão prestou diversas homenagens e ganhou apenas uma. Esta música. Carlinhos Caetano, pacoteiro de coração, botou sua inspiração pra homenagear todos nós. Ela faz parte da vida gloriosa desse Bloco que é de toda a cidade.

Não vem com essa de março ou de abril
o nosso Pacote é pro ano inteiro
e quando chega fevereiro
ele não abre pra ninguém.
E pula a coroa, abre ala
sem honra, sem mestre-sala
sem ato, sem represália
sem direção.
E arrasta toda a moçada
levando qual enxurrada
as nossas mazelas na contramão
Pacotão, é o nosso bloco
pro dia da redenção
Pacotão, é o nosso Bloco
pro dia da redenção
(não entre nessa meu irmão)

PRODUÇÕES

Clube da Imprensa
Brasília

7 ANOS DE PACOTÃO

LP CIB - 001

527.404.145 - B

1- OLHA O RABO
(De: Carlão e Fernando Barros) BRASIL, BRASIL, BRASIL (Pelágio, Pantoja, Josafá e Benjamim)
CAÍ NA REAL (Ivan Sérgio)

2- O PACOTÃO
(Carlinhos Caetano)

Todos os Direitos do Produtor Fonográfico, Reservados. Fabricado por: Gravações Elétricas S/A., Rua Aguiar Moreira, 639 - Rio de Janeiro - CGC. 61.186.300/0003-63 - Gravações Elétricas S/A. Avenida do Estado, 4.667/4.755 - São Paulo, C.G.C. 61.186.300/0001-00

LADO A

Saudades da Beleza - 1978

Aiatolá - 1979

Santa Catarina - 1980

João, O que que há? - 1981

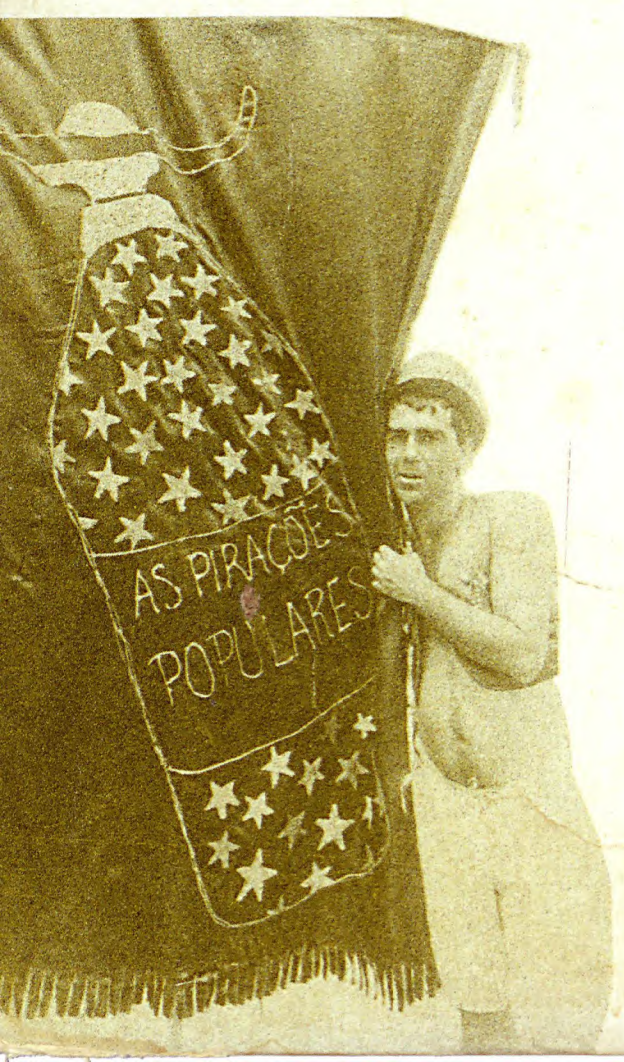
LADO B

Olha o Rabo! - 1982

Brasil, Brasil, Brasil - 1983

Cai na Real, General! - 1984

Pacotão (Homenagem)



Produções
Clube da Imprensa
Brasília